

19. Fortin A. Le mauvais traitement psychologique: une réalité encore mal connue. *P.R.L.S.M.E.* 1992; 3(1):88-99.
 20. Belsky J. Psychological maltreatment: Definitional limitations of unstated assumptions. *Development and Psychopathology* 1991; 3:31-36.
 21. Korbin JE. Child abuse and neglect: The cultural context. In: Helfer RE, Kempe RS, editors. *The Battered Child*. Chicago: University of Chicago Press; 1987.
 22. Straus MA, Hamby SL, Boney-CcCoy S, Sugarman DB. The Revised Conflict Tactics Scales (CTS2): Development and Preliminary Psychometric Data. *Journal of Family Issues* 1996; 17(3):283-316.
 23. Stowman SA, Donohue B. Assessing child neglect: A review of standardized measures. *Aggression and Violent Behavior* 2005; 10(4):491-512.
 24. Gagné MH, Lavoie F, Fortin A. Élaboration de l'Inventaire des Conduites Parentales Psychologiquement Violentes (ICPPV). *Revue canadienne des sciences du comportement* 2003; 35:283-316.
 25. Malo C, Gagné MH. *Guide de soutien à l'évaluation du risque de mauvais traitements psychologiques envers les enfants*. Montréal: Institut de recherche pour le développement social des jeunes; 2002.
 26. Malo C, Gagné MH. *Guide de soutien à l'évaluation du risque de mauvais traitements psychologiques envers les enfants. Utilisation réelle par les intervenants formés*. Montréal: Institut de recherche pour le développement social des jeunes; 2006.
-

Os autores respondem

The authors reply

Nossos colegas, pesquisadores brasileiros e canadenses, identificaram muito bem os desafios de uma abordagem em saúde pública, para o pleno desenvolvimento de crianças e adolescentes.

Entre os principais aspectos dessas abordagens, foram destacadas as diferentes formas de violências contra crianças e adolescentes e a sua relação com a saúde e o bem-estar; algumas propostas metodológicas de observação dos fatores de risco ou de proteção para a saúde, segundo o sexo e faixa etária, assim como as condições sociais e os contextos familiares e culturais onde estas crianças vivem e se desenvolvem; a importância do reforço à rede de trocas de informações; o papel estratégico da formulação e experimentação de intervenções preventivas inovadoras, a nível local; a detecção de mecanismos para a transferência eficaz de conhecimentos voltados à melhoria das práticas e políticas, direcionadas à infância e adolescência; a promoção de uma abordagem ecossistêmica, para a compreensão do pleno desenvolvimento nas etapas da infância e adolescência, com o objetivo de proporcionar saúde e bem-estar às nossas crianças e adolescentes.

De modo geral, as ações implementadas por profissionais das mais diversificadas áreas do conhecimento, nos diferentes contextos, apontam a viabilidade de trocas de experiências e de atuação, diante do desafio de contribuir para o bem-estar de todos.

Entretanto, no nosso ponto de vista, o maior e mais urgente desafio está relacionado à mobilização dos adultos que fazem parte do ambiente dessas crianças, para que formem famílias e comunidades saudáveis e resilientes.